

Berta Cáceres e o feminismo decolonial

Ochy Curiel

Universidade Nacional da Colômbia

Tradução

Mariana Rocha Malheiros

¡DALE!, PPGICAL / UNILA

1 Este artigo foi originalmente publicado em espanhol, sob o título “Berta Cáceres y el feminismo decolonial”, nos anais do LASA FORUM, v. 50 n. 4, outubro de 2019, p. 64-69 (Nota das Editoras).

Berta Cáceres e o feminismo decolonial

Resumo:

Este artigo procura tratar do pensamento e da proposta de transformação social levada a cabo por Berta Cáceres. O objetivo não é definir Berta Cáceres como feminista decolonial, pois ela nunca se assumiu neste lugar, no entanto, como um dos princípios desta corrente é recuperar saberes, experiências, propostas e práticas individuais e coletivas que questionam as hierarquias históricas que são produzidas por sistemas de opressão e dominação, se definindo como feministas ou não, a autora do artigo se propõe neste texto em relacionar alguns posicionamentos e práticas de Berta Cáceres coincidentes com postulados-chaves do feminismo decolonial que explicam porque hoje seu legado é tão importante.

Palavras-chave: feminismo; anti capitalismo, anti patriarcado, anti racismo; Berta Cáceres.

Berta Cáceres y el feminismo decolonial

Resumen:

Este artículo pretende abordar el pensamiento y la propuesta de transformación social llevada a cabo por Berta Cáceres. El objetivo no es definir a Berta Cáceres como una feminista decolonial, ya que nunca asumió esta posición, pero como uno de los principios de esta corriente es recuperar conocimientos, experiencias, propuestas y prácticas individuales y colectivas que cuestionan las jerarquías históricas que producen los sistemas de opresión y dominación, definiéndose como feministas o no, la autora del artículo se propone en este texto relacionar algunas de las posiciones y prácticas de Berta Cáceres que coinciden con postulados clave del feminismo decolonial que explican por qué su legado es tan importante en la actualidad.

Palabras clave: feminismo; anti capitalismo, anti patriarcado, anti racismo; Berta Cáceres.

BERTA CÁCERES AND DECOLONIAL FEMINISM

Abstract:

This article seeks to address the thought and proposal for social transformation carried out by Berta Cáceres. The objective is not to define Berta Cáceres as a decolonial feminist, because she never assumed this position. However, since one of the principles of this current is to recover knowledge, experiences, proposals and individual and collective practices that question the historical hierarchies that are produced by systems of oppression and domination, defining themselves as feminists or not, the author of the article proposes in this text to relate some of Berta Cáceres' positions and practices that coincide with key postulates of decolonial feminism that explain why her legacy is so important today.

Keywords: feminism; anti capitalism, anti patriarcado, anti racism; Berta Cáceres.

BERTA NAS ÁGUAS

poema de Melisa Cardoza

*Sagrado sal de nossas lutas
Chuva sobre as milpas²
Morangos divididos em todas as mãos
Por toda vida, Berta, companheira*

*Que saberá o assassino da luz de sua esperança
O covarde não poderá inclinar-se à utopia nem em palavras
Muitos séculos terão para pagar por esta morte
E tomara que apodreça a água em suas gargantas*

*Alto é o rio Gualcarque entre as montanhas
Ruge sua fúria e cimbre sua ameaça
Aqui, andamos enlutadas, choronas, feridas
Machucadas frente o inconcebível de suas flores
Murchas
Viemos ao seu leito
Nós, suas irmãs, rompidas pela terrível hora*

*Bertica nossa, Berta das águas
O ódio dos homens que tanto nos assinalam
Não podem com tanta beleza, força e graça
Por isso matam. Por isso matam. Por isso matam.
Não sabem da nossa vingança de sermos livres
E não mudar a rebeldia por nada*

*Lágrimas no rio
Muitas lágrimas
É hora da morte, dor, desventura
Mal fizemos em negar a dor e seus golpes
Convocamos ao fogo e a terra ao arrependimento
Refresque a água este manto de tristeza... e tanta*

*Não perdoaremos, nem esqueceremos, Bertita
Veja o que o amor alcança para amaldiçoar o mal onde quer que se
abaixe
Não escutaremos o esquecimento ao qual nos chamam
Damos as boas-vindas com seu nome
a todas as mulheres desviadas
aos corpos mutilados pela mesma dura mão que lhe assassinaram.
Lavamos neste rio as feridas das que nos faltam*

*Que venham os hipócritas de sempre
com seus papas, pastores e políticos
seus brancos direitos humanos
e todos os seus cúmplices
Que façam seus monumentos de lixo
E mostrem os sorrisos ensaiados*

*Nós, compita, oferecemos aqui nossa antiga raiva
Que estamos acumulando por séculos*

2 Milpas são sistemas produtivos utilizados na América Latina antes da invasão europeia. O nome Milpa deriva do idioma *Náhuatl* e significa "o que se semeia em cima da parcela". A Milpa integra tanto o espaço físico, a terra, como as espécies vegetais, a diversidade produtiva que cresce sobre ela. Também agrupa o conhecimento, a tecnologia e práticas agrícolas para atendimento das necessidades das comunidades camponesas. Assim, significa um sistema de conhecimentos que integra natureza e agricultura, tanto para sobrevivência biológica como reprodução social (Nota da Tradutora [N.T.]).

*Às vezes cheias de força, às vezes sangrando
Nós mesmas nos faremos justiça
Que aqui permaneça sua presença
Que os prantos do mundo nos acompanhem
Em todas as línguas e aldeias distantes
Que conseguiram entender sua prosa libertária*

*Que brinque o duende feliz
e cantem as meninas lencas ao gozo
com seu corpo nu entre as águas
Não é para a inveja, escárnio, desgraça
Que se levantarão em cada córrego e riacho
a memória dos seus passos*

*Desgraça é ter tanta luz
Em territórios povoados de ganância e astúcia
Nascer entre tantos bandidos, aí está a desgraça*

*Não vamos olhar de novo o fresco foco de água nas suas pupilas
Berta, irmã,
Não encontraremos mais seu bolso com papéis
a ligação urgente, as coisas para fazer, as longas viagens*

*As noites agora são extensas desde a terrível madrugada
mas um dia encontraremos consolo, compita
para saber que isto da morte é somente conversa
que o nosso é a vida sem permissões, sem negócios, sem conversa
fiada*

*Um dia haveremos de nos encontrar em algum sítio antigo de ma-
gia
para começar de novo, Bertica, porque aqui está cão
mas como, nem que tivéssemos em vez de sangue, orchata*

*Neste março de sangue, impunidade e lágrimas
irmã de alma, deixe-nos fazer este canto melancólico
entre as pedras frescas do rio que amava
a mãe terra contigo em seu aconchegante ventre
quanto e tão forte nos puxa
aqui estamos, seu povo, e a tarefa inconclusa
aqui, e para todos os tempos seu enérgico chamado*

Março nefasto deste triste 2016

Escrever sobre Berta Cáceres me remete para este poema de Melisa Cardoza: escritora, feminista, hondurenha, lutadora, amiga de Berta e minha amiga/irmã de longa data. Foi através dela que a conheci. Melisa me falou muitas vezes dessa mulher de forças e convicções, que algum dia devia conhecer.

A primeira vez que a escutei foi em frente de um público multitudinário que se assumia como feminista na luta contra o capitalismo, o patriarcado e o racismo. Eu fiquei maravilhada pela maneira em que aquela charmosa e potente mulher lenca³ colocava com tranquilidade, mas com contundência, cada palavra, cada expressão, seu pensamento e sua proposta de transformação social.

3 Os lencas são povos indígenas que habitavam os territórios de Honduras e El Salvador antes da invasão espanhola. Hoje, estão concentrados nos municípios hondurenhos de San Miguelito, Jesús de Otoro, Yamagranguila, La Esperanza e Intibucá. Apesar da violência colonialista, os lencas conseguiram conservar sua cosmovisão, idioma e cultura. (N.T.).

Depois, em uma jornada na Guatemala que organizamos como Grupo Latino-Americano de Estudos, Formação e Ação Feminista – GLEFAS – no qual participamos ativistas e pensadoras de diferentes países para falar sobre racismos, expulsões do território, decolonialidade e definir nossas lutas políticas, eu pude me aproximar mais de Berta, entender a situação em Honduras de modo mais elaborado e conhecer mais sobre as ações que distintos movimentos sociais estavam realizando frente à expulsão e repressão. A partir dali, Berta Cáceres foi se transformando em uma referência importante para mim, porque sua proposta política coincidia com muitos dos meus posicionamentos como feminista decolonial.

Não pretendo definir Berta Cáceres como feminista decolonial, pois ela nunca se assumiu neste lugar, no entanto, como um dos princípios desta corrente é recuperar saberes, experiências, propostas e práticas individuais e coletivas que questionam as hierarquias históricas que são produzidas por sistemas de opressão e dominação, se definindo como feministas ou não, me proponho neste texto em relacionar alguns posicionamentos e práticas de Berta Cáceres coincidentes com postulados-chaves do feminismo decolonial que explicam porque hoje seu legado é tão importante para muitas de nós.

O ponto de vista

Yuderkys Espinosa Minõso, em seu texto *Del por qué es necesario un feminismo decolonial* (2016)⁴ já caracterizou o que é o feminismo decolonial em *Abya Yala*⁵. Segundo a autora, se trata de um ponto de inflexão e uma bifurcação no caminho que muitas temos recorrido através das correntes mais críticas que questionaram a universalização das experiências das mulheres baseadas em sexo/gênero, situadas geopoliticamente no Norte, com privilégios de raça e classe.

A autora apresenta que uma das fontes em que se referencia esta corrente são as teorizações, análises e propostas do Feminismo Negro, o feminismo de cor e terceiro mundista dos Estados Unidos da América (EUA), assim como o de mulheres e feministas afrodescendentes e indígenas que a partir de *Abya Yala*, em sua crítica à postura feminista clássica centrada somente no gênero, e sua proposta em considerar a imbricação das opressões de classe, raça, gênero, sexualidade.

Ainda, destaca que o feminismo decolonial também se nutre da corrente feminista autônoma latino-americana, surgida na década de 1990, que denunciou a institucionalização do feminismo que produziu a interferência de políticas desenvolvimentistas nos países do chamado terceiro mundo, o que conduziu a uma agenda global de desenvolvimento e de direitos, políticas que obedeceram aos interesses neocoloniais no Norte Global, entre outras fontes importantes. Espinosa aponta que o feminismo decolonial reinterpreta a história com chave crítica da modernidade, “já não só por seu androcentrismo e misoginia, como feito pela epistemologia feminista clássica, mas também por seu caráter profundamente racista e eurocêntrico” (Espinosa, 2016, p. 144).

⁴ O artigo mencionado pela autora foi traduzido para o português por Cecilia Floresta e Gabriel Bueno sob o título “Sobre por que é necessário um feminismo decolonial: diferenciação, dominação coconstitutiva da modernidade ocidental”, publicado no *Masp Afters*, 2020, p. 03-12. Como a versão traduzida foi reduzida, optei pela manutenção da referência de Curiel sobre o texto original em espanhol (N.T.).

⁵ *Abya Yala* pode ser entendido como “terra viva”, “terra madura” e “terra em florescimento”. Possui origem no idioma do povo Kuna, originário do Norte da Colômbia e que atualmente habita a costa caribenha do Panamá. *Abya Yala* vem sendo usado pelos povos indígenas para designar a América, em contraponto às denominações impostas pelos europeus (N.T.).

Contribuindo com os argumentos desta autora, com quem temos compartilhado a construção desta corrente política, queria adicionar que a diferença de muitas das que hoje se assumem como feministas decoloniais que se limitam a um exercício acadêmico e teórico, a maioria das que nos localizamos nesta linha genealógica temos sido ativistas destas correntes políticas críticas, como afrodescendentes, indígenas, lésbicas, migrantes, portanto, as teorizações e análises que temos feito estão sendo construídas a partir das práticas políticas coletivas de acordo com esses lugares de enunciação que produzem pontos de vistas particulares.

Como analisou a afroamericana Patricia Hill Collins (1990) para o caso das afro-americanas, o ponto de vista tem dois componentes fundamentais: experiências política-econômica-sociais que oferecem uma perspectiva particular e a consciência que se cria a partir destas experiências, o que permite entender como se experimenta, se problematiza e se atua sobre uma matriz de opressão. O ponto de vista de Berta Cáceres também se localiza nesta relação dialética da sua experiência particular e sua consciência sobre as injustiças sociais, o que segundo suas próprias palavras herdou de sua mãe:

Cresci em um ambiente de luta, que vem de minha mãe, que igualmente é uma lutadora, uma defensora, em que coube viver contextos de ditadura, dentro do contexto da guerra fria na América Central e se converteu em uma pessoa muito ativa, além disso, rompendo todo o imposto... todo o poder militar, patriarcal, rompendo esquemas, se converteu também em uma líder política apoiando aos refugiados salvadorenhos... desde acompanhar o parto das refugiadas, o que era um crime, porque minha mãe era parteira. Seu trabalho de saúde sempre foi com as mulheres lenças. Realmente, acredito que vem dela minha construção da consciência de lutar, do sentido da justiça (Berta Cáceres in: IM-Defensoras, 2019).

Berta Cáceres compreendeu como se localizam o racismo, o sexismo e o classismo com as novas políticas neocoloniais a partir de um ponto de vista situado e encarnado, por sua experiência de mulher, parte de uma comunidade lenca localizada em um país centro-americano, sem privilégios de classe e raça, e neste lugar impulsionou suas práticas políticas.

Da colonialidade à coloniagem

Um marco de análise importante para o feminismo decolonial tem sido as propostas do Grupo Modernidade/Decolonialidade as quais têm permitido entender as condições históricas que deram origem a uma organização social, produto do colonialismo, repleta de hierarquias sociais de raça, sexo, sexualidade, nacionalidade, geopolítica e que se sustentam ao longo da história deste continente cujas vítimas principais têm sido povos indígenas e negros. A partir desta proposta, é importante para todas nós o conceito de colonialidade definido por Aníbal Quijano (2000) como um “padrão de poder” que surge do colonialismo, mas que perdura até nossos tempos, que tem se sustentado com base na exploração do trabalho, promovendo e legitimando um tipo de conhecimento definido dentro de uma racionalidade eurocêntrica e branca, que afeta, inclusive, relações intersubjetivas. Este padrão de poder sustenta o mercado capitalista mundial e em todo ele a ideia de raça é fundamental.

Berta Cáceres, embora não tenha utilizado o conceito de colonialidade, partia do colonialismo como a condição histórica que gerou estruturas hierárquicas de opressão. Assinalou que tudo o que se sofria em Honduras (e para além) em relação a pobreza, pilhagem, racismo e violência, era uma continuidade do que ela chamou *coloniagem*⁶:

⁶ A palavra trazida por Curiel é *coloniaje*. (N.T.).

É a mesma coisa. Se alteram os nomes, mas é o mesmo. É a colônia, a mesma de 500 anos atrás e agora vemos uma investida do capitalismo de modo mais agressivo aos povos indígenas. Estamos em um ponto que temos que lutar pela sobrevivência dos povos indígenas. Estamos em um ponto em que se não o fizermos vamos desaparecer em pouco tempo (Berta Cáceres, *in*: Olivé y Bilbao, 2012).

Para Berta, a continuidade do que chamou colônia supunha entender que a violência contra os povos indígenas e afros, suas culturas, seus bens naturais, sua autonomia e autodeterminação, teria uma origem e era o colonialismo, entretanto, analisou como na atualidade existia uma reconfiguração hegemônica imperial que invade os territórios e povos mediante projetos de anexação, bases militares, monopólios, invasão cultural e midiática, planos contrarrevolucionários que eram sustentados pelas elites brancas e ricas do Norte e também as crioulas da América Latina (KOROL, 2018, p. 62-63). Podemos dizer que a colônia de Berta Cáceres é outra maneira de denominar a um padrão de poder que envolve o extrativismo, a dependência econômica dos países do Sul com o do Norte, com base na exploração de alguns grupos, a desigual distribuição das riquezas em nível global, mas também no interior dos países do Sul, com o curso da desumanização material, social e espiritual de certos grupos que historicamente têm sido colocados nas mais baixas hierarquias sociais como indígenas, negros e camponeses.

A aposta não fragmentada das lutas contra as opressões

Um dos aportes-chaves que recupera o feminismo decolonial do feminismo negro, é sua proposta de não fragmentar as análises sobre as realidades, considerando que o racismo, o classismo e o heterossexismo se articulavam e interligavam na vida das mulheres negras. Vários conceitos explicam esta proposta política: encadeamento de opressões (Coletiva do Rio Combahee)⁷, matriz de opressão ou dominação (Hill Collins, 1990), interseccionalidade (Crenshaw, 1993), co-constituição de opressões (Lugones, 2008). A partir destas contribuições e tornando-o mais complexo com análises da colonialidade, nós, feministas decoloniais, entendemos que um dos efeitos do sistema moderno/colonial vem sendo gerar a *diferença colonial* (Mignolo, 2007), produto de uma classificação que marcou a diferença como inferioridade para justificar a exploração, a pilhagem e a violência. Índixs, negrxs, lésbicas, homossexuais, transsexuais, empobrecidxs, mulheres etc., todos têm sido categorias, lugares sociais e experiências individuais e coletivas produto da hierarquização social que produziu o colonialismo e que continua na colonialidade, que, somada ao impacto do multiculturalismo liberal – que reforça as políticas identitárias – apresenta como resultado a fragmentação das lutas políticas e visões de mundo. As propostas que as feministas negras têm formulado significam que não é possível entender nem teórica e analiticamente os sistemas de dominação separados, muito menos empreender uma luta política que priorize algumas lutas sobre outras. Nesse sentido, da mesma forma que as feministas negras, Berta Cáceres considerou sempre um feminismo que lutasse contra todas as formas de dominação.

Não vamos ser ingênuas. Nós estamos demandando um feminismo que realmente desmonte todas as formas de dominação, não com maquiagem ou discurso demagogo, mas com o desmonte concreto e que enfrente a essas formas de dominação de diversas maneiras (BERTA CÁCERES *in*: KOROL, 2018, p. 104-105).

⁷ O Combahee River Collective iniciou suas reuniões em 1974. O grupo reunia feministas negras e lésbicas em Boston, nos EUA. O coletivo permaneceu em atividade até 1980. Optei pela tradução em língua portuguesa realizada pela Difusão Herética, mas este mesmo grupo já foi traduzido como Coletivo Combahee River em várias publicações em português. Ou seja, se trata do mesmo coletivo (N.T.).

Berta Cáceres e o feminismo decolonial

Para Berta, essas formas de dominação eram fundamentalmente o capitalismo, o racismo e o patriarcado (KINORAMA, 2016). Este posicionamento de entender e atuar à frente e contra todos os sistemas de opressão, nos têm levado a problematizar o separatismo pelo qual muitas de nós havíamos optado e exercido, aprendido do feminismo branco e hegemônico que assume que o sistema sexo/gênero (RUBÍN, 1975) era a base comum da opressão de todas as mulheres, por isso, assumíamos que todos os homens eram nossos inimigos naturais. Contudo, entendendo que uma aposta decolonial de transformação social não pode ser limitada à luta pelo fim da violência contra as mulheres, mas também às violências racistas, heterossexistas, neoliberais, ecocidas, que não afetam somente as mulheres, mas comunidades inteiras, incluindo os homens e pessoas de dissidência sexual, o que implica compreender que as lutas devem envolver sujeitos múltiplos. Nesse sentido, apostamos em recuperar a comunidade, não só territorial ou incentivando lutas integrais, mas também as resistências históricas que foram construídas por todas as partes de *Abya Yala*.

Berta Cáceres atuou sempre em comunidade. No Conselho Cívico de Organizações Populares e Indígenas de Honduras (COPINH), surgido em 1993 e que articula mais de 100 (cem) comunidades, realizou suas lutas centrais, junto com outros e outras. Embora consciente do machismo dos homens e das violências que muitos exerciam contra as mulheres, sendo ela mesma vítima de violência de seus ex-companheiros, entendia que essas reflexões precisavam ser realizadas na comunidade, de modo coletivo. Assim, foram se construindo os pilares da luta do COPINH: o anticapitalismo, o antipatriarcado e o antirracismo. “Nós, as mulheres, levamos esta luta tripla e queríamos também que os homens a levassem para desmontar todas as formas de Opressão” (BERTA CÁCERES In: KINORAMA, 2016).

Em várias ocasiões declarou que no COPINH não era fácil difundir a luta antipatriarcal, porém, para ela, como para outras mulheres da organização, era fundamental que todos e todas assumissem todas as lutas que foram propostas. Por isso, desenvolveram processos de formação política:

Nessas assembleias, por exemplo, quando se falava de tema antipatriarcal, não só participavam mulheres, também os homens. No tópico de assembleia dos jovens, não somente eram os jovens, mas também as demais pessoas. Na mesa de povos indígenas, igualmente. Foi muito integral, porque sempre ocorria deste modo, mas no fim da luta antipatriarcal só restavam as mulheres. De qualquer modo, foi uma integração em todos estes debates (CÁCERES; KÖROL, 2018, p. 112-113).

Como feministas decoloniais sabemos as consequências da separação das lutas políticas. Isto tem significado que a maioria das feministas não assumem a luta contra o racismo, que movimentos indígenas e negros pouco assumem a luta pelo fim da violência contra as mulheres e de dissidentes sexuais, o que provoca a reprodução destes sistemas de dominação dentro dos movimentos sociais. Berta tinha tudo isto muito nítido, propunha um mundo sem nenhum tipo de opressão e para isso era necessário que a luta coletiva se dirigisse para eliminar todas elas.

A luta contra a acumulação por espoliação

Berta Cáceres se opôs ao grande monstro do capitalismo global: os megaprojetos mineiros e hidroelétricos, que não são mais que a expressão da “acumulação por espoliação”, uma das categorias propostas pelo geógrafo marxista David Harvey (2004) que aponta as formas que

o capitalismo neoliberal transnacional retira as comunidades de suas águas, bosques, saberes, conhecimentos e de suas vidas. Seus responsáveis: as grandes mineradoras, agroindústrias, hidroelétricas, farmacêuticas transnacionais que, com a anuência de governos locais, acumulam capital em nível global, acompanhado do discurso de desenvolvimento que se transforma em intervenção concreta através da espoliação, que não afeta somente as subjetividades, mas culturas, sociedades e mundos completos, trazendo consigo a ideia de progresso da modernidade ocidental que se instalou desde o período colonial (ESCOBAR, 2007).

Esta foi uma luta permanente de Berta Cáceres desde que o COPINH iniciou, mas se tornou mais contundente quando se formou a Frente Nacional de Resistência Popular que surgiu durante o golpe de estado de 2009 dado ao governo do presidente Manuel Zelaya, do qual ela e o COPINH faziam parte. O COPINH denunciou que haviam iniciado uma grande quantidade de megaprojetos que produziam a destruição e privatização de comunidades indígenas, afros e campesinas, e que o governo golpista havia concedido 30% do território nacional em concessões mineiras⁸. As lutas do COPINH contra este monstro capitalista se fortaleceram em anos posteriores. Aqui está uma das declarações de Berta em 2013:

Desde 1º de abril de 2013 nos encontramos nesta ação histórica das comunidades do Setor Norte do Município de Intibucá, no Rio Branco⁹, composta por várias comunidades lenças que por séculos e séculos estão defendendo a vida, o território, o bosque, a água, os rios. Isto é o que estamos fazendo precisamente hoje, seguindo o legado de Lempira¹⁰. Temos que lembrar que este projeto foi favorecido pelo golpe de Estado, que outorgou autorizações às empresas. Toda a entrega de bens comuns foi determinada sem consulta e respeito, violentando – no caso dos Povos Originários – o direito à consulta plena, livre e informada, a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) sobre Povos Indígenas e Tribais do Mundo, a Declaração da ONU sobre Povos Indígenas, títulos antigos e o direito ancestral ao território, suas culturas e espiritualidade, patrimônios econômicos e comunitários. Temo uma ação nas imediações do projeto hidrelétrico Água Zarca. As comunidades de Rio Branco tomaram a decisão de impedir que se instale esse projeto aqui, que veio privatizar o Rio Gualcarque por mais vinte anos, dando a concessão às empresas DESA, a SINOHYDRO, transnacional chinesa com participação de FICOHSA, um banco que se apropriou de grande parte da dívida interna de Honduras, que desempenhou um papel ativo no golpe de estado e tem interesses em muitos setores, não só energético, mas o turístico e outros, sendo favorecido com os fundos do BCIE (Banco Centro-Americano de Integração Econômica), do Banco Francês, da USIC que são fundos do Governo dos EUA (CÁCERES; KOROL, 2018, p. 163).

Berta denunciava com nomes próprios os responsáveis pela espoliação. Grandes monopólios do extrativismo econômico e financeiro, empreendendo junto às comunidades ações de resistência. Por esta questão foi perseguida, ameaçada de morte, assediada sexualmente pelos representantes das empresas, policiais, militares e servidores do governo.

8 As concessões mineiras (concesiones mineras) outorgam direitos aos entes particulares, para exploração de recursos minerais no subsolo da área concedida pelos governos dos países latino-americanos (N.T.).

9 O Rio Blanco é um riacho que se localiza no município de Intibucá, no Departamento de Intibucá, em Honduras (N.T.).

10 Lempira foi um importante cacique lenca que encabeçou uma rebelião contra os espanhóis em 1537, unindo contra todo o povo lenca contra os invasores. Ele faleceu neste mesmo ano, lutando na defesa do território lenca. A história da resistência protagonizada por Lempira é tão importante para o povo hondurenho que um dos Departamentos do país recebeu o seu nome, bem como a unidade monetária de Honduras, tendo ainda seu rosto estampado na nota de 1 lempira (N.T.).

Sua luta incansável fez com que recebesse vários prêmios. Dentro deles, possivelmente o mais importante foi o Prêmio Goldman 2015, de significativo reconhecimento para lutadores e lutadores ambientalistas. Ainda que Berta Cáceres não tenha sido somente ambientalista, nem creio que tenha se definido desta forma, este prêmio, como ela mesma disse, representava um reconhecimento aos processos de resistência das comunidades, mas também apontou que: “o que nos inspira não são os prêmios, mas os princípios. Aqui, com ou sem reconhecimento, temos lutado e seguiremos lutando” (CÁCERES; ARCHIVO VIVO, 2018).

A cosmovisão lenca

Nós, feministas decoloniais, recuperamos espiritualidades dos povos e comunidades das quais somos parte. São expressões de resistência à imposição judaico-cristã que trouxe o colonialismo que apagou e deslegitimou espiritualidades, religiões e tradições sagradas não-cristãs. Apesar da violência com que foi implantado o judeu-cristianismo, a tal ponto que atualmente as igrejas em toda *Abya Yala* possuem uma força política extraordinária, estas espiritualidades “outras” permaneceram e têm sido fundamentais para a vida e lutas dos povos.

Na cosmovisão lenca, como outras de povos indígenas e afrodescendentes, não há uma separação entre xs humanxs, a água, as montanhas, os animais, o ar, a terra, os mortos e mortas. Toda forma parte de vida existência comunitária, que precisa cuidar e preservar, não somente para si mesma, mas para toda humanidade:

Em nossas cosmovisões somos seres que surgiram da terra, da água e do milho. Dos rios nós, povo lenca, somos guardiões ancestrais, além disso, protegidos pelos espíritos das meninas que nos ensinam que dar a vida de múltiplas formas na defesa dos rios é dar a vida para o bem da humanidade e deste planeta (CÁCERES, 2015).

É por esta cosmovisão que a defesa dos territórios não se trata somente de materialidades que permitem a sobrevivência, mas uma conexão dos seres com a transcendência espiritual. Na cosmovisão lenca, os rios são fundamentais, não só porque suas águas permitem vida, mas porque neles habitam os espíritos das meninas, guardiãs das águas. Por isso, Berta foi uma guardiã dos rios, como tantas outras e outros deste povo. Era tanto o que significavam os rios, que ela disse em várias ocasiões que sabia que ganharia a luta contra a instalação da hidroelétrica no Rio Gualcarque porque “me disse o rio”.

Estas forças espirituais, a concepção dos territórios não como mercadorias, mas como comunidades de vida coletiva, que questiona a ideia de um desenvolvimento que busca a espoliação e a depredação, foram centrais para Berta Cáceres:

Nossas consciências serão sacudidas pelo fato de somente estarmos contemplando a autodestruição baseada na depredação capitalista, racista e patriarcal. O Rio Gualcarque nos tem chamado, assim como os demais que estão seriamente ameaçados. Devemos acudir. A Mãe Terra militarizada, cercada, envenenada, onde se viola sistematicamente os direitos elementares, nos exige atuar. Então, construamos sociedades capazes de coexistir de maneira justa, digna e pela vida. Nos juntemos e sigamos com esperança, defendendo e cuidando do sangue da terra e dos espíritos (CÁCERES, 2015).

Mas, para os depredadores, capitalistas, colonialistas, heteropatriarcais e racistas não interessam estas cosmovisões, seu objetivo é acumular a margem da produção ecológica, material,

espiritual e epistemológica dos povos e, para alcançar seu objetivo, precisam eliminar quem se opõe. Por isso assassinaram Berta Cáceres. Ela representava a ação política comunitária, a oposição à violência contra as mulheres, a luta contra as políticas neocoloniais que roubam e eliminam as vidas dos que, historicamente, são considerados como não humanos, produto de um racismo estrutural que se formou há mais de 500 anos. Ela representava a vida em comunidade.

A palavra de ordem que deu a volta ao mundo: “Berta não morreu, se multiplicou”, reflete o legado que nos deixou sua luta e compromisso, e depois que tantas e tantos choramos seu assassinato, hoje ela revive em nossos pensamentos e política feminista decolonial e queremos seguir seu legado, pois como disse Melisa Cardozo em seu poema dedicado a Berta:

*Nós, compita, oferecemos aqui nossa antiga raiva
Que estamos acumulando por séculos
Às vezes cheias de força, às vezes sangrando
Nós mesmas nos faremos justiça
Que aqui permaneça sua presença
Que os prantos do mundo nos acompanhem
Em todas as línguas e aldeias distantes
Que conseguiram entender sua prosa libertária*

Referências

CRENSHAW, K. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory, and Antiracist Politics, In: **D. Kelley Weisberg** (ed.), *Feminist Legal Theory: Foundations*. Philadelphia: Temple University Press, pp 383-395, 1993.

CÁCERES, B. **Discurso Prêmio Ambiental Goldman**. 2015. Disponível em: <http://www.rel-uita.org/archivo/index.php/es/bertha-caceres/item/7422-discurso-de-bertha-caceres-al-recibir-el-premio-ambiental-goldman-2015>. Acesso em 12 de fevereiro de 2022.

COMBAHEE RIVER COLLECTIVE. The Combahee River Collective Statement, In: Barbara Smith (comp.), *Home Girls, A Black Feminist Anthology*. New York: Kitchen Table; Women of Colors Press, Inc., pp. 272-282, 1983/1977.

ESCOBAR, A. **La invención del Tercer Mundo: construcción y desconstrucción del desarrollo**. Caracas: Editorial el perro y la rana, 2007.

ESPINOSA, Y. De por qué es necesario un feminismo descolonial: diferenciación, dominación co-constitutiva de la modernidad occidental y el fin de la política de identidad. **Solar**, 12 (1),141-171, 2016.

IM-DEFENSORAS. **La Lucha feminista de Berta Cáceres**. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BJtv7Xc7euY>. Acesso em 12 de fevereiro de 2022.

HILL COLLINS, P. **Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness and the politics of Empowerment**. New York: Routledge Classics, 1990.

HARVEY, D. **El nuevo imperialismo**. Akal, Madrid, 2004.

KINORAMA COLOMBIA. **Volveré y seré millones, Homenaje a Berta Cáceres**, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MBTRLmAjXfl>. Acesso em 12 de fevereiro de 2022.

KOROL, C. **Las revoluciones de Berta**. Buenos Aires: América Libre, 2018.

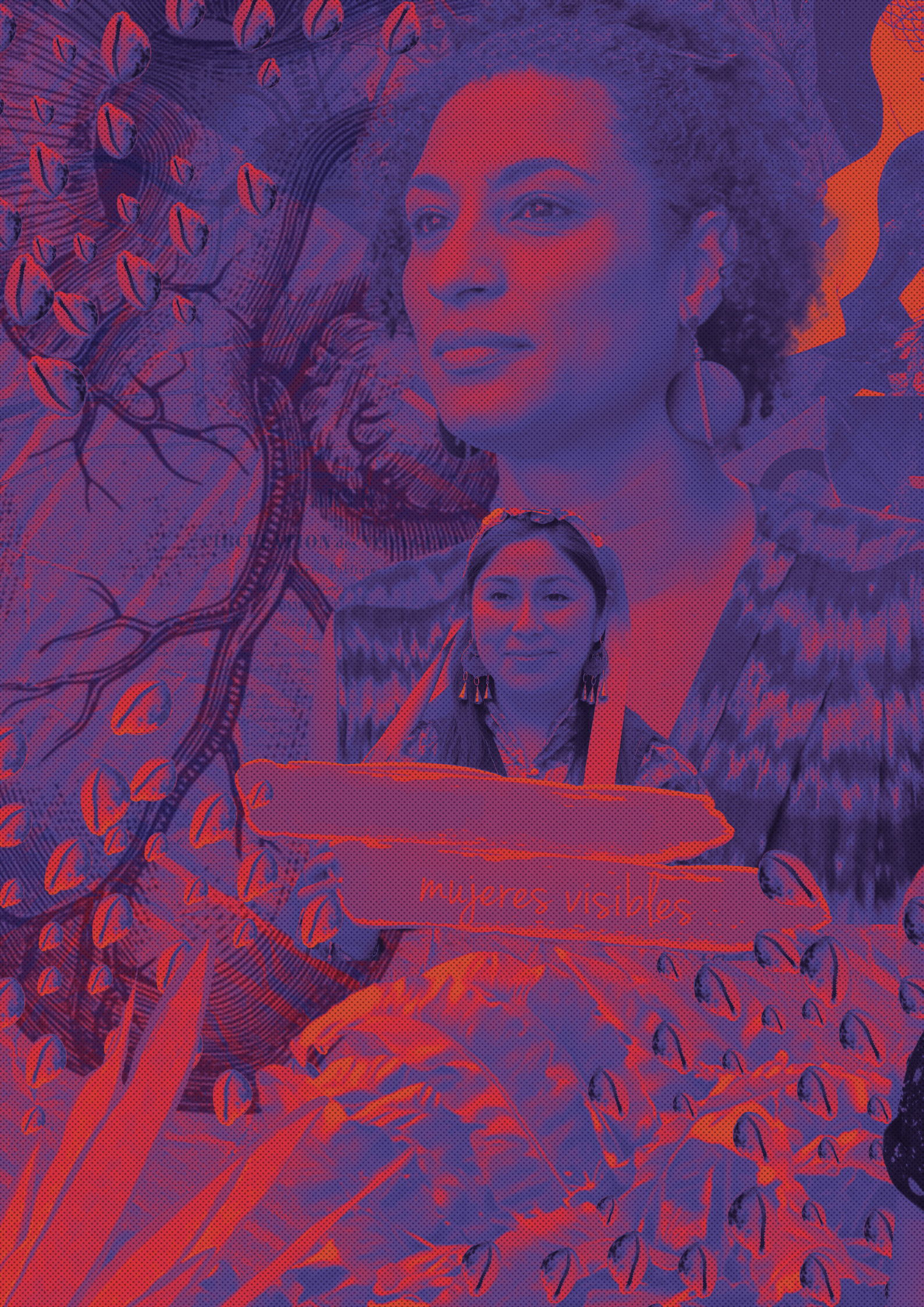
LUGONES, M. Colonialidad y Género: Hacia un feminismo descolonial, In: W, Mignolo (comp.), **Género y Descolonialidad**. Buenos Aires: Del signo, 2008.

OLIVÉ, C.; BILBAO, A. **Verde Carne Tierra Muerta**, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TUWtC3wtdio>. Acesso em 12 de fevereiro de 2022.

PAULO FREIRE ARCHIVO VIVO. **Entrevista Berta Cáceres**, 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_GEIDuFeokA. Acesso em 12 de fevereiro de 2022.

RUBIN, G. The traffic in women : notes on the political economy of sex, In: Reiter, R. (ed.). **Toward and Anthropology of Women**. New York: Monthly Review Press. pp. 157-210, 1975.

QUIJANO, A. Colonialidad del Poder, Eurocentrismo y América latina, In: **La Colonialidad del Saber: Eurocentrismo y Ciencias Sociales**. LANDER, E. (coord.) Buenos Aires: Clacso. p. 1-14, 2000.



mujeres visibles



THE FUTURE
IS GENDER-FREE

Epistemologias do Sul: Pensamento Social e Político em/para/ desde América Latina, Caribe, África e Ásia é um periódico online de publicação semestral do grupo de pesquisa homônimo ligado à Universidade Federal da Integração Latino-Americana, em Foz do Iguaçu/PR. Seu objetivo é divulgar estudos e investigações sobre ou desde o pensamento social e político latino-americano, caribenho, africano e asiático, promovendo o diálogo Sul-Sul.

ISSN 2526-7655



ISSN 2526-7655



9 772526 - 7655 4